

O resgate da história das Irmãs Figueiredo no Museu de História Natural na Universidade Católica de Pelotas

Camila de Macedo Soares Silveira¹

Daniel Maurício Viana de Souza²

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo apresentar o processo de estudo, análise e recuperação da historiografia das Irmãs Figueiredo, autoras associadas à coleção de Entomologia do Museu de História Natural da Universidade Católica de Pelotas. Essa pesquisa está relacionada à dissertação de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Pelotas, intitulada de “Os Museus de Ciência e a Mulher Cientista: o Caso das Irmãs Figueiredo”, com incentivo cedido pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES. Sendo também, um segmento do Trabalho de Conclusão de Curso de Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas, com título de “A resistência imposta às mulheres na ciência e sua representação nas instituições museológicas”. A pesquisa pretende-se investigar o percurso das mulheres na área das ciências, desde sua inserção, analisando as dificuldades e conquistas e cenário atual, assim como sua projeção e representação nas instituições de memória, como os museus, utilizando-se em um segundo momento, como estudo de caso, da história das Irmãs Figueiredo.

Considerando as invisibilidades e desvalorizações imbricadas nos percursos femininos dentro da ciência, o principal objetivo deste trabalho é apresentar um breve levantamento histórico, ainda escasso, sobre as irmãs Figueiredo, ressaltando sua atuação como cientistas autodidatas, assim como

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Pelotas. Graduação em Museologia pela Universidade Federal de Pelotas (2021). <https://orcid.org/0000-0002-0929-4936>. <http://lattes.cnpq.br/6919722047879852>. msscмила@hotmail.com

² Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professor do Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Museologia e Conservação e Restauo e Coordenador do Bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Pelotas. <https://orcid.org/0000-0001-8767-7169>. <http://lattes.cnpq.br/8353630757343720>. danielmvsouza@gmail.com

suas contribuições para a sociedade. Dentro desta pesquisa, notam-se alguns objetivos consequentes e interconectados, como a necessidade de: analisar o processo de formação e musealização da coleção entomológica das Irmãs Figueiredo; investigar os fatores que resultaram no demérito científico das pesquisas das Irmãs Figueiredo; e ainda proporcionar uma reflexão acerca da memória e esquecimento das mulheres cientistas, procurando apontar como se deu a inserção feminina nesta área e como o cenário atual se constitui.

Este trabalho justifica-se na importância e em uma certa demanda social em resgatar uma trajetória de gênero na ciência, oculta e ainda não manifestada por trás de uma coleção musealizada e que apresenta uma forte transcendência ao público visitante e a pesquisadores que procuram estudar e desenvolver suas pesquisas, com uso dos espécimes científicos; justifica-se também, no desejo de refutar as possíveis descredibilizações científicas associadas às Irmãs, apontadas mais adiante no decorrer do desenvolvimento deste artigo, articulando esse caso com o panorama geral e os seus desafios e perspectivas da presença da mulher dentro do campo científico.

Para realizar a presente pesquisa exposta neste trabalho, a metodologia utilizada abrange uma pesquisa qualitativa, a partir de referenciais bibliográficos, de forma a discorrer sobre as principais causas e consequências da origem da inserção da mulher, levando em conta o caráter de subalternização, no campo da ciência, de acordo com diferentes linhas de estudo. Para o levantamento historiográfico das Irmãs Figueiredo, foram realizadas entrevistas com conhecidos da família, reuniões com a equipe do Museu de História Natural (MUCPEL), pesquisa de campo em instituições que possam ter alguma informação ou relato oral (ex.: Asilo de Mendigos de Pelotas, Biblioteca Pública Pelotense, Escola Louis Braille, etc.), além de, como uma forma complementar, pesquisas em repositórios *online*. Levando em consideração o caráter exploratório da pesquisa, será feita uma análise minuciosa da narrativa expográfica apresentada no Museu, incluindo o seu possível potencial expositivo, assim como as ferramentas de preservação do acervo e de informação utilizadas.

O Museu de História Natural e a coleção entomológica

O MUCPEL (Figura 1) surge no ano de 1997, como uma iniciativa do

Conselho Universitário, sob tutela e coordenação dos cursos de Ecologia e Biologia, também da Universidade. Em 2001, passa a integrar a Escola de Educação, aprovado pelo Conselho Universitário. Após um período de adversidades e burocracias, os cursos de Ecologia e Biologia foram extintos, passando o Museu sob resguardo do setor de Comunicação, ancorado à estrutura geral da Universidade. Atualmente é gerenciado apenas por um museólogo contratado, a fim de manter as atividades do Museu em desenvolvimento e aberto ao público. O funcionamento do Museu hoje, se dá pelo reconhecimento do papel educativo e científico da instituição pelos dirigentes da Universidade, que possui um acervo riquíssimo de história natural e conta com milhares de espécimes científicos de diversas tipologias, desde pequenos insetos a grandes mamíferos e répteis, sendo dividido em acervo didático e acervo científico.



Figura 1 - Fotografia do Museu de História Natural da Universidade Federal de Pelotas. Fonte: Página do Facebook Museu de História Natural da UCPEL.

Seu caráter didático, composto por exemplares da fauna regional, está bem acentuado em sua expografia, que atrai diversos estudantes e grupos

escolares (Figura 2) e fomenta o interesse pela educação ambiental e divulgação científica. No acervo científico, pesquisadores e alunos podem consultar e analisar o material, a fim de desenvolver suas pesquisas e estudos. A maioria de seu acervo é proveniente de doações, além de doações por viveiros e colecionadores particulares, os animais vertebrados silvestres foram doados pela Patrulha Ambiental da Brigada Militar (PATRAM) após o recolhimento de animais atropelados em rodovias e estradas, sendo posteriormente taxidermizados no próprio laboratório do Museu. Hoje, o Museu não realiza mais a prática de taxidermia, pela ausência de biólogos e técnicos especializados, resultante da extinção dos cursos com conhecimento na área. Algumas coleções foram também adquiridas por compra, como a coleção entomológica, adquirida pela Universidade de Ignez Lopes de Figueiredo.



Figura 2 - Fotografia de visita escolar mediada pelo museólogo do Museu de História Natural da Universidade Federal de Pelotas.

Fonte: Página do Facebook Museu de História Natural da UCPEL.

A coleção entomológica (Figura 3) foi adquirida em 1997, alguns meses

antes da data de criação para compor o acervo do futuro Museu de História Natural da Universidade Católica de Pelotas. A coleção conta com mais de cinco mil espécimes de Entomologia, área da Zoologia que abrange os insetos, dividida entre o acervo exposto no Museu e o acervo que encontra-se na reserva técnica (Figura 4), um armário entomológico (Figuras 5 e 6), dezenas de exemplares de acervo em papel, como revistas e livros, materiais de montagem entomológica e outros objetos, resultados de 50 anos de pesquisa e catalogação de Ignez Lopes de Figueiredo e suas irmãs, Rosa Lopes de Figueiredo e Thereza Lopes de Figueiredo. Apesar da importância científica e didática dos espécimes da coleção, poucas informações (Figura 7) sobre a história das Irmãs são expostas e abordadas no Museu, mostrando assim, a necessidade da realização do resgate historiográfico como possibilidade da extroversão de uma narrativa de gênero dentro da instituição.



Figura 3 - Fotografia da exposição entomológica do Museu de História Natural da Universidade Católica de Pelotas.

Fonte: Página do Facebook Museu de História Natural da UCPEL.



Figura 4 - Fotografia da estante com caixas entomológicas na reserva técnica do MUCPEL.

Fonte: Fotografia da autora, 2019.



Figura 5 - Fotografia das gavetas do armário entomológico do Museu de História Natural da Universidade Católica de Pelotas.

Fonte: Fotografia da autora, 2019.



Figura 6 - Fotografia do armário entomológico das Irmãs Figueiredo na exposição do MUCPEL.

Fonte: Fotografia da autora, 2019.

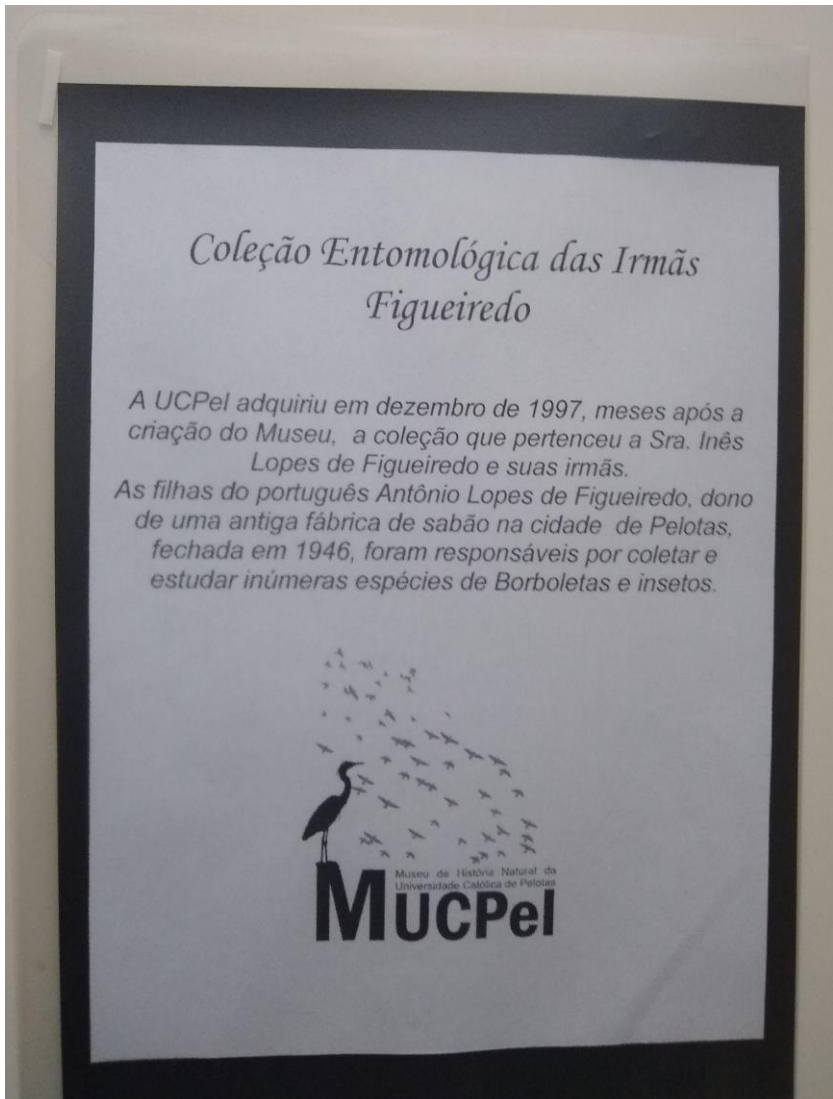


Figura 7 - Fotografia sobre a Coleção Entomológica das Irmãs Figueiredo.

Fonte: Fotografia da autora, 2019.

Mulheres na Ciência: o caso das Irmãs Figueiredo

A ciência desde suas raízes, ao contrário do mito que é perpetuado, não é neutra e acompanha outras áreas da sociedade, como a política e a economia, áreas embrenhadas com seus devidos viés e interesses sociais que as favoreçam. Sendo assim, há uma repetição de um padrão de exclusão das mulheres na área da ciência. Autores como Attico Chassot apontam dados estatísticos que comprovam esse fenômeno, como por exemplo, a baixa porcentagem de mulheres laureadas com o Prêmio Nobel na área das Ciências (Chassot, 2015, p. 64). Podemos nos ater também, ao que é passado nos livros de história ou ciência, onde nomes como Albert Einstein, Galileu Galilei, Isaac Newton, Charles Darwin, Thomas, Edison etc., aparecem frequentemente, atrelados às suas descobertas científicas e feitos para o avanço da humanidade. Às vezes, quando muito, a cientista Marie Curie é citada como o único exemplo de realizações femininas relevantes ao longo da história.

Atreladas aos conflitos da época, a ciência moderna traz consigo também, o mesmo modelo dicotômico social. Os homens eram vistos como fortes e robustos, dedicados aos trabalhos pesados e difíceis, e as mulheres como seres sensíveis e emocionais, dedicadas aos afazeres domésticos. Seguindo essa lógica, enquanto os princípios da ciência seguiam conceitos como sujeito, mente, razão, objetividade, transcendência e cultura, sendo considerados “masculinos” e conceitos opostos seriam conceitos como objeto, corpo, emoção, subjetividade, imanência, natureza, sendo definidos como “femininos” (LLOYD apud SARDENBERG, 2002, p. 8), considerados aptos a serem controlados e inferiores. Sendo assim, “o conhecimento que as mulheres produziam não era considerado científico, pelo simples fato de ser ‘feminino’” (CARVALHO e CASAGRANDE, 2011, p. 22), devendo se dedicar apenas a sua natureza doméstica e materna.

Buscava-se então, razões biológicas para explicar a divisão entre os gêneros, respaldando o sexismo existente em laudos médicos e pesquisas científicas. Dessa forma, “[...] a mulher não era um ser humano com um papel específico dentro do processo reprodutivo da espécie, era, pois, uma variedade humana especializada na reprodução” (SEDEÑO apud SILVA, 2008, p. 5). Seguindo o determinismo biológico, cientistas afirmavam com certeza que as mulheres seriam formadas de maneira biologicamente distinta dos homens e

que sendo assim deveriam desempenhar funções também diferentes (ROSE apud ANDRADE, 2011, p. 64).

[...] a ciência moderna é um produto de centenas de anos de exclusão das mulheres, o processo de trazer mulheres para a ciência exigiu, e vai continuar a exigir, profundas mudanças estruturais na cultura, métodos e conteúdo da ciência. Não se deve esperar que as mulheres alegremente tenham êxito num empreendimento que em suas origens foi estruturado para excluí-las. O modelo assimilacionista de feminismo liberal é inadequado. Ao mesmo tempo, o modelo "feminista de diferença" que sugere que as mulheres – por terem sido socializadas diferentemente dos homens – trazem as sementes da mudança consigo para o laboratório, não é suficiente. Algo do desejo de atribuir os sucessos do feminismo diretamente a mulheres deriva do fato de que, historicamente, as mulheres como um grupo foram excluídas sem nenhuma outra razão que não seu sexo. (SCHIEBINGER, 2001, p. 37)

Seguindo essa constante exclusão sistemática das mulheres na área, a autora Larissa Venâncio nos propõe questões essenciais: “este seria um indício de que mulheres não fazem ciência? ou se fazem, não são devidamente reconhecidas pelo simples fato de serem mulheres?” (VENÂNCIO, 2018, p. 45). A resposta vem do estudo desenvolvido pela Editora Elsevier, empresa editorial holandesa que aborda conteúdo científico, técnico e médico, responsável por publicações científicas em todo mundo. Segundo estudo realizado pela Editora Elsevier, o Brasil é considerado “um dos países mais igualitários no campo da ciência atualmente, pois as mulheres constituem 49% da população pesquisadora e que publica artigos” (VENÂNCIO, 2018, p. 51). Portanto, as mulheres fazem sim ciência, mas são constantemente silenciadas, tendo suas conquistas e pesquisas diminuídas, e geralmente, sem conseguir

alcançar cargos mais altos e com os maiores salários (VENÂNCIO, 2018, p. 51). Além de que, na visão estrutural da família, quando os homens e pais tem seu tempo inteiramente disponível para o trabalho, mulheres mães necessitam se dispor as tarefas domésticas e a maternidade. Carvalho e Casagrande salientam que

[...] as condições e a qualidade de tempo do trabalho científico são diferentes para as mulheres e para os homens. Não é preciso nenhum esforço para perceber que as mulheres sofrem uma desvantagem nesta divisão de trabalho. Enquanto os homens têm tempo e dedicação integral à realização de suas pesquisas, as mulheres, principalmente as casadas, com filhos, não têm as mesmas possibilidades (CARVALHO e CASAGRANDE, 2011, p. 27).

O processo de invisibilização das mulheres na ciência é nítido, e não escapa também, do estudo de caso das Irmãs Figueiredo. Em pesquisa digital de sua historiografia, realizada por meio da investigação de palavras-chave em repositórios *online* e sites de busca, encontrou-se o episódio da artista plástica Johanna Calle. A artista colombiana esteve no Brasil em 2009 para participar da VII Bienal do Mercosul em Porto Alegre, e em um passeio casual a um sebo da cidade, encontrou um conjunto de documentos, incluindo fotos, negativos e escritos. Esse apanhado de documentos¹ se constitui de materiais pertencentes às Irmãs Figueiredo e sua coleção entomológica e no meio deles, havia um documento que fazia referência a um processo legal. Nele, as Irmãs acusam um professor prestigiado da então Escola de Agronomia Eliseu Maciel, que hoje

¹ Informações obtidas pelo informativo de *Proyecto Paralelo* sobre a exposição de Johanna Calle. Disponível em: <https://static1.squarespace.com/static/513fbd40e4b040273acd9a37/t/569c52aab281050fe325534/1453085436123/Nota+de+prensa+JC_ESP.pdf> e por conversa via e-mail com Julio Pérez Navarrete, assistente, sócio e marido de Johanna Calle.

integra a Universidade Federal de Pelotas, de fazer uso indevido de suas pesquisas.

Segundo o documento, as Irmãs contrataram o professor para ajudar no processo de catalogação de sua coleção, e ele achando-se no direito, publica um livro sobre o material, inteiramente em seu nome. Em retaliação às Irmãs, o professor afirma: “quanto a co-participação das irmãs Figueiredo foi de simples auxiliar. Não se deve confundir MANIA de colecionar com conhecimentos para produzir trabalhos científicos”. Baseando-se no material encontrado e nesse conflito, a artista plástica Johanna realiza a exposição “*El caso de las Hermanas Figueiredo: Dibujos de Johanna Calle*” (Figura 8), no México no ano de 2013.



Figura 8 - Fotografia da exposição “*El caso de las Hermanas Figueiredo: Dibujos de Johanna Calle*”. Fonte: *Proyecto Paralelo*.

Johanna, tem costume de utilizar temas sociais em suas exposições e neste trabalho, faz bastante uso da palavra “*manía*” (Figura 9), seguindo a acusação do professor em chamá-las de maníacas, como se suas pesquisas fossem um mero passatempo, de cunho não-científico. A exposição de Calle faz

uma homenagem às Irmãs Figueiredo e seu trabalho de pesquisa e classificação científica, abordando as opressões da sociedade patriarcal em que vivemos, que constantemente silenciam mulheres e suas conquistas.



Figura 9 - Fotografia da exposição “*El caso de las Hermanas Figueiredo: Dibujos de Johanna Callé*”. Fonte: *Proyecto Paralelo*.

As Irmãs Figueiredo² viveram ao longo do século XX na cidade de Pelotas no Rio Grande do Sul, eram filhas dos portugueses Idalina e Antônio Figueiredo e realizaram seus estudos de maneira autodidata. Antônio, mesmo

² Informações obtidas por entrevistas com Jocasta Soares e Janaína Soares, filhas de Tamara Lima

Soares (falecida em 2014), cuidadora de Ignez, Rosa e Maria, de 1994 até o fim de suas vidas. Jocasta e Janaína conviveram ainda crianças com as Irmãs Figueiredo.

sendo empresário da elite pelotense e dono de uma das fábricas de sabão da cidade, era bastante conservador, não permitindo a entrada das filhas na universidade. Entre os oito filhos, sete eram mulheres e apenas o filho homem, cujo nome ainda permanece desconhecido, fora incentivado a estudar ainda jovem no Rio de Janeiro. Antônio também era bastante rígido quanto aos relacionamentos de suas filhas, que raramente eram aceitos, fator que levou a família a não deixar nenhum descendente na cidade de Pelotas³. A criação e modo de viver de sua época, mostra também a sociedade patriarcal ainda mais fortalecida no decorrer do século XX, sendo presente e impactante também na vida das Irmãs e seus cotidianos, interferindo além da área científica.

Mesmo assim, as Irmãs insistiram em manter seus estudos em dia dentro de seus lares, dedicando-se sem almejar carreiras acadêmicas. Sabe-se que, das sete filhas, pelo menos três, se devotaram ao estudo da Entomologia: Ignez Lopes de Figueiredo, Rosa Lopes de Figueiredo e Thereza Figueiredo Lopes de Figueiredo. Elas produziam livros, artigos e teses de alto teor científico e ajudavam alunos da faculdade a escrever seus trabalhos. Porém, nunca pediam por reconhecimento, que também não as eram ofertado. Se aventuravam capturando insetos e, em sua casa, montavam caixas entomológicas e catalogavam os espécimes, de variados lugares do país, de maneira minuciosa. Se empenhavam em construir conhecimento do lugar em que habitavam, contribuindo também, para a Escola Louis Braille de Pelotas, onde traduziam e escreviam livros em braille, além de contribuírem com diversas doações. Possuíam em casa a Biblioteca de Entomologia, Fauna e Flora como elas mesmo intitularam, que contava com centenas de livros, revistas e artefatos científicos.

Rosa Lopes de Figueiredo, levou suas práticas até o final de sua vida. Dedicava-se a mexer com os materiais químicos para a montagem das caixas e para a conservação dos espécimes, e devido ao alto nível de toxicidade presente nos elementos utilizados antigamente, veio a desenvolver um câncer de pulmão. Mesmo doente, tossindo sangue, Rosa escolheu seguir suas atividades e práticas científicas. Após o falecimento de todas as suas irmãs, Ignez Lopes de Figueiredo, aos seus 79 anos, decide vender seu trabalho, correspondente a décadas de dedicação sua e de suas Irmãs, para a Universidade Católica de

³ Não se sabe o paradeiro final do filho homem e se ele chegou a ter filhos.

Pelotas. Ignez afirmou⁴ que, sentia imensa tristeza por estar se desvinculando de sua coleção, mas que se sentia aliviada em saber que a coleção ficaria aos cuidados dos professores da UCPEL e para constituir o futuro Museu. Antes de falecer, Ignez deixa a maior parte de sua herança para sua cuidadora Tamara de Lima Soares para sua advogada e amiga Maristela de Oliveira Rodrigues, deixando também campo de terras para instituições de desenvolvimento social como o Asilo de Mendigos de Pelotas e a Escola Louis Braille.

Considerações finais

As Irmãs Figueiredo dedicaram suas vidas e investiram seu dinheiro em suas pesquisas e coleções, de valores inestimáveis que hoje, com parte disponibilizada no Museu de História Natural da Universidade Católica de Pelotas, sendo vislumbrada por visitantes e utilizada por pesquisadores que, provam que elas exerciam ciência com excelência; além de diversos exemplares da Revista Brasileira de Entomologia, onde publicaram artigos fazendo uso de pseudônimos masculinos. Foram criadas sobre a opressão do pai e mesmo não ingressando na academia, desencorajadas a procurar fama ou reputação na área, foram mais um caso de um machismo estrutural, acusadas de maníacas e de não serem capazes de produzir ciência de verdade.

Esse caso nos remete à necessidade de, no Museu de História Natural da UCPEL, ir além do fator expositivo existente (Figura 7), de forma a investigar e resgatar a historiografia das Irmãs e trabalhar um potencial de narrativa de gênero que faça jus a trajetória e história de vida dessas mulheres cientistas. Este trabalho segue em desenvolvimento e espera-se que no futuro a pesquisa, tanto teórica como de campo, seja aprofundada e que sirva de base para a possibilidade de mudar este cenário, representando um recorte mais amplo da história de suas vidas.

Vale ressaltar também, a importância dos museus como instituições que funcionem ao dispor e a favor da sociedade, abarcando múltiplas vozes e atores e gerando reflexões entre sociedade e ciência, incluindo também os grupos mais marginalizados da sociedade, como as narrativas de gênero.

⁴ Informação obtida em matéria do jornal Diário Popular, edição do dia de 24 de dezembro de 1997.

Referências bibliográficas

ANDRADE, Francisco Leal de Andrade. Determinismo biológico e questões de gênero no contexto do Ensino de Biologia: representações e práticas de docentes do Ensino Médio. 2011. 251 f. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências), Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2011.

CHASSOT, Attico. A ciência é masculina. É, sim senhora!, 7.ed., 2015, 146 p.

CARVALHO, Marília Gomes de; CASAGRANDE, Lindamir Salete. Mulheres e ciência: desafios e conquistas. INTERthesis: Revista Internacional Interdisciplinar, v. 8, n. 2, p. 20-35, 2011.

SARDENBERG, Cecília M.B. Da crítica feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?. In: COSTA, A.A. e SARDENBERG, C.M.B. (orgs.) Feminismo, Ciência e Tecnologia. Salvador, Rede Feminista Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre Mulher e Relações de Gênero (REDOR), Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM), Universidade Federal da Bahia, v. 8, Coleção Bahianas, 2002. p. 1-35.

SCHIEBINGER, Londa. O feminismo mudou a ciência? Bauru-SP, EDUSC, 2001, 384 p. [original em inglês: *Has feminism changed science?* Cambridge, Harvard University Press, 1999]

SILVA, Elizabete Rodrigues da. A (in) visibilidade das mulheres no campo científico. Travessias, v. 2, n. 2, p. 1-20, 2008.

SILVEIRA, Camila de Macedo Soares. A resistência imposta às mulheres na ciência e sua representação nas instituições museológicas. 2021. 70 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Museologia) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2021.

VENÂNCIO, Larissa Gonçalves. Gênero em museus de ciência: Análise de como a mulher é abordada na exposição de química do Museu de Ciência e

Técnica da Escola de Minas da Universidade Federal de Ouro Preto. 2018. 80 f. Monografia (Graduação em Museologia) - Escola de Direito, Turismo e Museologia, Universidade Federal de Ouro Preto, Ouro Preto, 2018.